

## **TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: OS REFLEXOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR FABRIL**

Maiara Reis Campos<sup>1</sup>

Edna Vanessa Araújo Beserra Pedroza<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo abordaremos os reflexos da era flexível do capital na saúde mental do trabalhador fabril, onde apresentamos os resultados de uma pesquisa realizada com trabalhadores fabris de uma empresa do ramo de calçados instalada no município de Iguatu-CE. Estes desencadearam transtornos mentais e iniciaram tratamento no CAPS III do município entre os anos de 2012 e 2014, apresentando como principal queixa as condições de trabalho na fábrica, principalmente relacionadas às novas configurações do trabalho no capitalismo contemporâneo, pós-reestruturação produtiva, tais como: o medo do desemprego, a pressão dos supervisores, a exigência da polivalência, trabalho precarizado, ritmo de trabalho acelerado, etc. Nesse sentido, inicialmente contextualizamos a definição da categoria trabalho em seu sentido ontológico e as modificações deste no decorrer do tempo, passando ao momento onde os trabalhadores são apartados dos meios de produção e passam a vender sua força de trabalho nas indústrias capitalistas, finalizando o percurso tratando das transformações advindas com a reestruturação produtiva do capital e seus impactos para a vida do trabalhador fabril na contemporaneidade, enfatizando também as novas configurações da questão social na era flexível. Apresentamos em seguida, os interlocutores e o campo da pesquisa e por fim os resultados obtidos com a análise dos dados coletados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho, reestruturação produtiva e saúde mental.

### **1 INTRODUÇÃO**

A sociedade contemporânea tem sido marcada por profundas transformações no mundo do trabalho, essas são caracterizadas pelo processo de desestruturação econômica de alcance mundial, tendo estimulado sociabilidades cada vez mais perversas sobre as relações sociais, econômicas e políticas, trazendo grandes consequências para a classe trabalhadora. A manipulação e a dominação aliada às pressões sofridas pelos trabalhadores, bem como o medo do desemprego acarretam doenças tanto físicas como psíquicas afetando a subjetividade do trabalhador podendo levar ao desencadeamento dos transtornos mentais.

---

<sup>1</sup> Professora Especialista do Curso de Serviço Social no Instituto Federal do Ceará. E-mail: maiarareisc@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Serviço Social pelo Instituto Federal do Ceará. E-mail: evabp@uol.com.br

Diante da superacumulação de mercadorias que acaba por gerar a crise do capital, os países capitalistas vão buscar medidas que visam à superação da crise econômica em escala mundial, substituindo os modelos até então vigentes tayloristas/fordistas pelo modelo de produção toyotista, a estrutura produtiva vai sendo modificada gerando um novo processo de organização do trabalho. Assim, como estratégias de superação da crise, foram tomadas algumas medidas, como: a reestruturação produtiva e o neoliberalismo. Nesse contexto, a classe trabalhadora passa a sofrer os rebatimentos dessas medidas, como o aumento do desemprego, a precarização das relações de trabalho, trabalho temporário, trabalho informal, subemprego, e a conseqüente perda de direitos sociais. Além das novas exigências para aqueles que continuam no mercado de trabalho, como a polivalência.

O modo de produção flexível tem levado os trabalhadores ao aumento de angústia e sofrimento mental, ao invés de prazer e satisfação pessoal, pois no trabalho na contemporaneidade tem predominado a alienação e exploração.

Mediante as exigências do capitalismo monopolista, conforme Alves (2010) a classe trabalhadora tornou-se vulnerável aos estressores, como as péssimas condições de trabalho, jornadas prolongadas, desvalorização do trabalhador, medo do desemprego entre outros, com as exigências do mercado que busca capturar a subjetividade do trabalhador, e mesmo que o indivíduo não tenha desenvolvido algum transtorno, convive ou conhece alguém com sofrimento psíquico em decorrência das atividades laborais.

Com o processo da reestruturação produtiva, as novas demandas e modalidades postas para o trabalhador, os transtornos mentais têm crescido a cada ano, segundo Teixeira (2007), os dados da Previdência Social evidenciam que a causa da concessão de benefícios causados por transtornos mentais ocupa o terceiro lugar. Deste modo a autora relata que “(...) tem-se que a organização Mundial de Saúde aponta a depressão como a quinta maior questão de Saúde Pública do mundo, liderando as doenças mentais dos trabalhadores, alertando que até 2020 será a doença mais incapacitante para o trabalho, perdendo apenas para as doenças cardíacas” (TEXEIRA, 2007, p.32).

Estando na era da globalização, tais alterações no mundo do trabalho vem sendo atingindo gradativamente as cidades interioranas, como a cidade de Iguatu que fica localizada na região Centro-Sul do estado do Ceará com aproximadamente 100.000 habitantes, e que ocupa o segundo polo econômico da região. Sua economia é baseada na agricultura, algodão, herbáceo e arbóreo, arroz, banana, feijão, milho, pecuária, bovino, suíno e avícola, possuindo também 72 indústrias (IBGE, [s.d]).

Não diferente da conjuntura das demais cidades do mundo globalizado, em Iguatu também se faz sentir os impactos da instabilidade dos vínculos empregatícios, intensidade da jornada de trabalho, ao tempo em que exigem do trabalhador qualificação, criatividade, dedicação e esforços, situações que provocam desgaste físico e mental, comprometendo principalmente a saúde do trabalhador.

Frente a essa realidade constatada não apenas em embasamento teórico de nível mundial e nacional, mas também no nosso campo de atuação profissional, no CAPS III de Iguatu, foi possível perceber as altas demandas de trabalhadores que chegam a esta unidade de saúde em busca de tratamento para os transtornos mentais que apontam como algo desenvolvido diante das condições de trabalho no setor fabril.

Assim, para compreender melhor esse fenômeno, foi realizada uma pesquisa qualitativa na referida unidade de saúde, a fim de compreender como as condições de trabalho contemporâneo têm colaborado para o desenvolvimento de transtornos mentais nos trabalhadores fabris.

A pesquisa em questão foi apoiada no método marxista, sendo de natureza qualitativa, muito embora tenhamos utilizados, também, de técnicas quantitativas para subsidiar a compreensão do fenômeno estudado. Os dados foram coletados através de questionários e entrevista semiestruturada.

## **2 TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL: DO SENTIDO ONTOLÓGICO DO TRABALHO ÀS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E OS REBATIMENTOS NA QUESTÃO SOCIAL**

Nas palavras de Marx “o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza”. (MARX, 1996, p. 297). Sendo essa uma relação dialética que permite a transformação de ambos, onde o homem transforma a natureza para alcançar suas necessidades desde as mais elementares as mais complexas, num constante intercâmbio que possibilita a reprodução do próprio homem.

Assim o trabalho em sentido ontológico é o que é inerente a todos os seres humanos, tendo uma finalidade racionalmente pré-idealizada, sendo a categoria trabalho eliminável na vida do homem. Portanto, o trabalho é uma ação teleológica e consciente que busca uma finalidade, sendo a categoria fundante da reprodução social.

Segundo Mustafa e Benatti (2010, p. 402) “(...) o trabalho não é circunstancial, e sim essencial ao ser humano; de outro modo, é a condição ontológica do ser social e constitutivo do mesmo”. O trabalho representa todas as condições, sejam objetivas ou subjetivas para a sobrevivência do ser humano, pois é a partir dele que o homem se realiza e supre as suas necessidades básicas quais sejam: a alimentação, a moradia, a saúde, o lazer, o vestuário, etc., necessários a sua condição humana.

Sendo fruto das próprias condições naturais, o homem necessita aprimorar os elementos da natureza, produzir os meios de trabalho<sup>3</sup> para a realização das suas atividades. Esse processo envolve a capacidade de pensar e planejar o objeto antes de sua fabricação.

Nesse sentido, identificamos a partir dos escritos de Marx (1996), que o elemento que diferenciará o que diferenciará o trabalho humano, do trabalho de qualquer outro animal, é a possibilidade da prévia ideação. Assim, toda atividade de trabalho humana parte inicialmente do processo de planejamento, sendo uma ação teleologicamente direcionada, ou seja, com um objetivo pré-estabelecido no plano das ideias para enfim se materializar.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente (MARX, 1996, p. 298).

Sendo previamente idealizado, ao atingir os seus objetivos no final do processo produtivo, o homem se reconhece naquilo que produziu, o que gera satisfação e prazer. No entanto, na sociedade capitalista o trabalho é explorado e alienado, onde o trabalhador é desumanizado através das relações sociais de produção, sendo necessária a venda da força de trabalho em troca do salário para garantir a sua sobrevivência. (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011).

Este processo de dominação e exploração do homem tem início no contexto do século XVIII com a Revolução Industrial que muda todo caráter econômico, político e social a nível mundial (LESSA, 1996; NOGUEIRA, 2011). Desta forma, inicia-se o processo de exploração do capital sobre o trabalho, onde a transformação da natureza não visa apenas à satisfação das necessidades do homem, mas também para acúmulo de capital. Assim, o trabalho que é elemento central na vida do homem, no decorrer da história e do

---

<sup>3</sup> De acordo com Marx “o meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador coloca entre si mesmo e o objeto de trabalho e que lhe serve como condutor de sua atividade sobre esse objeto. Ele utiliza as propriedades mecânicas, físicas, químicas das coisas para fazê-las atuar como meios de poder sobre outras coisas, conforme o seu objetivo” (MARX, 1996, p. 298).

desenvolvimento das sociedades, transforma-se pautado não mais na realização do homem, mas nas relações de exploração pela relação entre capital e trabalho, onde a alienação aparece como fator determinante desse novo processo de trabalho, onde o trabalhador deixa de se reconhecer do objeto produzido.

Essa perda de identidade do/a trabalhador/a com o objeto que produziu se apresenta como um “estranhamento”, onde o resultado do trabalho se expressa como alheio e sem intimidade com seu produtor, enquanto este se torna inferior e adversário. Aqui se manifesta uma das expressões da alienação, que é a sua relação com os produtos do trabalho (MARX, 2001, p. 114).

Como argumenta Tavares (2009), ao longo da história, a exploração do homem pelo homem passa por processos de domínio e peculiaridades, que em cada época é constituído de aspectos marcantes tendo como ponto fixo a exploração, desta forma surgem às classes distintas onde de um lado estão os donos dos meios de produção e do outro os donos da força de trabalho.

Compreende-se desta forma, que em relação à exploração do homem pelo homem se muda apenas o contexto histórico, já que cada período tem suas peculiaridades no modo de se realizar o trabalho, emergindo dessa exploração à desigualdade e a divisão social da sociedade em classes.

Sendo assim, é a partir do aumento da produtividade, do aperfeiçoamento dos equipamentos de trabalho, e do surgimento de novos meios, que o homem através da venda da força do seu trabalho torna-se a principal fonte de riqueza para os que detêm os meios de produção.

Diante deste processo de exploração situa-se o advento do mercantilismo, com ápice na Revolução Industrial, no século XVIII, tendo como berço a Inglaterra que provoca profundos impactos sociais com a nascente indústria, onde o processo agrícola deixa de ser o centro da economia, assim as pessoas rumam para as cidades começando uma nova forma de fazer o trabalho gerando as desigualdades e os desequilíbrios que ainda hoje enfrentamos (NOGUEIRA, 2011).

Com a valorização do preço da lã<sup>4</sup>, os camponeses passam a ser expropriados das terras, e estas se tornam espaço para a criação de ovelhas, surgindo nesse contexto os

---

<sup>4</sup> Segundo Josiane Santos (2012), por volta do século XV e XVI o preço da lã subiu por volta do século XV e XVI, sendo uma oportunidade dos senhores ganharem mais dinheiro. Assim, surgem os cercamentos das terras cultivadas pelos camponeses para criação das ovelhas. Nesse período houve uma verdadeira varredura dos camponeses das propriedades, afastando não apenas o trabalhador da terra, mas destruindo sua moradia e todas as possibilidades de subsistência fora do capitalismo.

chamados cercamentos. Ao passo que esta substituição ocorre, os camponeses tornam-se livres. Surgindo o trabalhador livre e afastado dos meios de trabalho, a burguesia encontra terreno fértil para captação de mão de obra para o nascente sistema capitalista. Sendo necessário um número reduzido de homens para criação das ovelhas, sobra um contingente enorme de desempregados adequados à necessidade do capital de exploração do capital.

Conforme o sistema capitalista se expandia, aumentava-se a incorporação tecnológica e em consequência a redução dos postos de trabalho, surgindo uma camada de trabalhadores excluídos do processo produtivo – o exército industrial de reserva. Este por sua vez, torna-se determinante para o rebaixamento do trabalho e intensificação da pressão sob o trabalhador empregado.

Neste contexto a classe trabalhadora enfrenta o fenômeno da pauperização, caracterizada pelo caráter contraditório do sistema capitalista onde a pobreza passa a crescer nas mesmas proporções que aumenta a sua capacidade de produzir riqueza<sup>5</sup>. Sendo este fenômeno o primeiro impacto da instauração do capital em seu estágio industrial para a classe trabalhadora (NETTO, 2004).

Expostos a péssimas condições de vida - casas superlotadas e insalubres, alimentação insuficiente, etc. - e de trabalho com extensas jornadas diárias, ambientes escuros, ruidosos e quentes, salários ínfimos, os trabalhadores passam a reconhecer que a situação geral de pobreza e exploração era generalizada e não fatos individuais, assim, estes passam da condição de classe em si a classe para si. Com o despertar da consciência política, inicia-se o processo de luta de classe. Assim, a partir do pauperismo e da luta de classes, surge a questão social, entendida como o conjunto das desigualdades produzidas pelo sistema capitalista.

A questão social tem seu núcleo fundante na lei geral da acumulação capitalista, sendo ineliminável sem a eliminação do modo de produção em vigor. Esta apresenta novas configurações em cada novo estágio do capital, mas ainda assim como desdobramentos desta lei geral. Uma vez que diante da lógica de ferro do capital é mais provável a sua total destruição, do que as modificações de sua base (NETTO, 2004).

As formas de intervenção do Estado na questão social passam por transformações de acordo com o momento do capital. Historicamente, o que observamos é que tempos de crise para o capital, se configuram como tempos de crises para as políticas sociais.

Passando por três décadas de expansão, iniciada no final do pós-guerra e perdurando até o final da década de 1960, quando o capital enfrenta a crise da superprodução, as políticas

---

<sup>5</sup> Enquanto nas sociedades anteriores ao capital, a pobreza estava relacionada a um quadro geral de escassez, a partir de então a mesma estava relacionada às condições de superação da escassez (NETTO, 2004).

sociais tiveram seu período de glória, foi o chamado *Welfare state*. No entanto, com crise instaurada são tomadas novas estratégias de produção e é declarada a “guerra contra as políticas sociais”. Surge então o Estado neoliberal que reduz o seu papel intervencionista no social e volta seus esforços para conter a crise econômica.

Com a revolução tecnológica, conhecida como a terceira Revolução Industrial, há o favorecimento na dinâmica da reestruturação produtiva<sup>6</sup> que promove alterações no mundo do trabalho, causando impactos na mão de obra, com a substituição do trabalho vivo pelo morto, ocasionando o desemprego estrutural (NETO, 1996).

Diante deste contexto surge o modelo de produção toyotista onde o processo produtivo é efetuado conforme a demanda, o sistema é flexível, heterogêneo, é baseado na empresa enxuta que procura diminuir os gastos e desperdícios, produzindo apenas o necessário de acordo com a demanda e também na reengenharia modificando toda a estrutura da produção com inovações tecnológicas. (NOGUEIRA, 2004).

Assim, a classe trabalhadora vem sofrendo mudanças, submetendo-se a trabalhos precários, temporários, subcontratados e terceirizados, etc. Essas novas modalidades de trabalho representam uma desregulamentação dos direitos legais dos trabalhadores com a regressão dos direitos sociais, fragilizando os sindicatos e as organizações, tornando as relações individualizadas. (ANTUNES, 2010).

Através da captura da subjetividade do homem que trabalha alienado com os métodos de organização do toyotismo, há o estranhamento do indivíduo pelo trabalho diante do controle exercido pelo capital, que determina suas próprias condições, sejam objetivas ou subjetivas.

Tais transformações no mundo do trabalho afetaram toda a sociabilidade contemporânea. Como coloca Iamamoto (2009) que ainda em resposta a crise dos anos 1970, no intuito de internacionalizar a produção e os mercados, o capitalismo aprofunda o desenvolvimento desigual tanto entre as nações (imperialistasXdependentes), como entre as classes sociais. Tendo ainda repercussões nas políticas sociais que passam a ser ainda mais focalizadas.

Nesse contexto, o trabalho deixa de ser fonte de realização do homem e passa a gerar sérios prejuízos à saúde do trabalhador, que não se limita apenas aos sofrimentos físicos, mas também os de ordem psíquica. (Navarro e Prazeres, 2010). Devido às precárias condições de

---

<sup>6</sup> Nas palavras de Alves “a crise estrutural coloca a necessidade sistêmica da reestruturação da produção do capital como produção de sobretrabalho alienado. A produção do capital se coloca como totalidade social cujo traço essencial é a “captura” da subjetividade do homem que trabalha” (ALVES, 2010, p.44).

trabalho e as pressões exercidas pelo processo produtivo, o operário tem a diminuição no seu rendimento, aumento do absenteísmo, bem como o adoecimento tanto físico como mental, que são respostas geradas pelas próprias condições do processo produtivo de flexibilização. (Navarro e Prazeres, 2010)

### **3 OS REFLEXOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR FABRIL: O CASO DE IGUATU-CE**

Inserida no cotidiano de trabalho do CAPS III de Iguatu, fica fácil observar a quantidade de usuários que procuram o serviço desta unidade em decorrência do desenvolvimento de transtorno mental relacionado às condições de trabalho no ambiente fabril de uma determinada fábrica do ramo de calçados instalada na cidade. Tal fato sempre foi de conhecimento de todos os profissionais da unidade, onde profissionais de vários níveis de escolaridade já conseguiam associar a procura do serviço por esses trabalhadores devido às insalubres condições de trabalho na referida indústria, afirmando que este era o principal motivo gerador dos primeiros sintomas de transtorno mental desses usuários.

Tal fato nos levou a investigar com mais profundidade a temática, onde iniciamos uma pesquisa entre os usuários desta unidade de saúde para compreender melhor o fenômeno em questão. Tendo como objetivo geral: analisar os fatores que incidem diretamente no desencadeamento dos transtornos mentais que afetam os trabalhadores fabris atendidos no Centro de Atenção Psicossocial III, do município de Iguatu-Ce.

Durante o processo de coleta de dados, foi identificado que diante das várias informações necessárias para abertura de prontuário na unidade, muitos profissionais acabavam não registrando questões relacionadas ao trabalho dos usuários, fato que aparece como um elemento dificultador da pesquisa. Mesmo com este desafio, juntamente com a equipe dos referido CAPS, foi possível identificar vinte e dois prontuários abertos entre 2012 e 2014 de usuários que relatavam que as condições de trabalho fabril na empresa em questão foram determinantes para o desencadeamento do quadro de transtorno mental apresentado. Estes foram submetidos à entrevista e questionário que tornasse possível compreender a relação entre o trabalho fabril no capitalismo contemporâneo e a saúde mental do trabalhador.

Foi identificado que grande parte das queixas dos trabalhadores fabris que adentram ao CAPS III são a angustia, insônia, ansiedade, agitação, desânimo, medo, agressividade, sufocamento, isolamento social, embotamento afetivo, onde foi relatado pelos interlocutores

que tais sintomas apareceram após o início das atividades produtivas nessa empresa, levando muitos desses trabalhadores a pedirem demissão do emprego nesta fábrica, ou levando a afastamento das atividades através de licenças médicas.

Como resultado da coleta de dados do questionário socioeconômico que foi aplicada com esses usuários, foi possível identificar que todos pertencem a classe mais baixa da população, possuem baixo nível de escolaridade e desenvolvem múltiplas funções no ambiente fabril, muitos acabam sendo contratados com a função de Auxiliar de Serviços Gerais para justificar a polivalência. Assim, foi possível concluir que os segmentos mais empobrecidos da classe trabalhadora, que vivenciam cotidianamente as várias expressões da questão social apresentam maior índice de transtorno mental.

Diante das condições postas pelo sistema capitalista, principalmente na contemporaneidade, o alto índice de desemprego leva o trabalhador a aceitar as condições de trabalho alienado e precarizado, onde os trabalhadores não se reconhecem no produto do seu trabalho e acabam trabalhando insatisfeitos, fato que foi amplamente relatado pelos trabalhadores entrevistados. Muitos afirmam que “iam para a fábrica à força, porque era o único emprego que tinha”.

Assim, como afirma Iasi (2010), não são apenas os ambientes tóxicos, desconfortáveis e ruidosos que contribuem para o adoecimento do trabalhador, mas também a insatisfação no trabalho gera adoecimentos psíquicos.

Os mesmos relataram que a insatisfação no trabalho acabava atingindo outros campos da vida, como as relações familiares. Essa é gerada por vários fatores dentre eles a pressão dos supervisores que cobram incessantemente o aumento da produtividade e cumprimento das metas, o desenvolvimento de múltiplas funções sem nenhum tipo de reconhecimento, o ritmo acelerado de trabalho, falta de tempo para repouso, bem como o ambiente físico insalubre.

Quanto à relação entre os trabalhadores e seus supervisores e gerentes, os entrevistados reconhecem ser de muita cobrança para o cumprimento das metas, pois o processo de supervisão é de muita pressão psicológica, onde os mesmos relataram que esta é fonte geradora do sofrimento psíquico. Parte dessa pressão é justificada pelo exercício industrial de reserva que acaba sendo utilizado pelos supervisores para intensificar a cobrança, como afirma um dos entrevistados, quando relata as palavras de um dos supervisores da

fábrica: “se não quiser, tem dez mil pessoas na fila do SINE<sup>7</sup> esperando a sua vaga”. Assim, diante deste quadro, os trabalhadores acabam aceitando as condições de trabalho que são postas, dentre essas a polivalência. Onde alguns dos entrevistados destacaram que são contratados como Auxiliar de Serviços Gerais e por isso são cobrados a desempenhar múltiplas funções, desde a limpeza da fábrica a operação de máquinas.

Ficou claro nas entrevistas que os trabalhadores acreditam na relação entre o trabalho fabril e o desenvolvimento dos transtornos mentais que os levaram a procurar o serviço de saúde mental do município de Iguatu. Todos os entrevistados reconhecem que não sentiam os sintomas dos transtornos mentais antes do trabalho fabril.

Desta forma, com as transformações no mundo do trabalho, tem-se observado que na atualidade há um número crescente de queixas e sintomas relacionados ao trabalho e as precárias condições ao qual se apresenta, onde também gravemente se intensifica o adoecimento, resultando em um enorme número de trabalhadores que desenvolvem várias doenças de ordem psíquica. (CARLOTO *apud* NAVARO e PRAZERES, 2010).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entendemos que não é apenas o trabalho na era flexível que vem gerando o adoecimento mental, uma vez que este é multifatorial, no entanto, ficou claro que essas novas configurações do trabalho têm colaborado diretamente para isso.

Concluimos esse trabalho considerando que o processo produtivo no modo de produção capitalista é desumano e degradante, intensificado pela reestruturação produtiva, tornando-se responsável pela transformação no mundo do trabalho que vem comprometendo tanto a saúde física como mental do trabalhador fabril, sendo comprovado tanto pela pesquisa bibliográfica como de campo.

Vale ressaltar que o modo de produção capitalista em suas fazes, vem trazendo rebatimentos não apenas para a esfera econômica e produtiva, mas envolve as relações sociais, políticas e culturais da sociedade, que vem se expressando em sociabilidades cada vez mais perversas, pautadas no consumismo, individualismo e competição, que chegam à classe trabalhadora de uma forma mais agressiva.

---

<sup>7</sup> O SINE - Sistema Nacional de Emprego é o órgão vinculado ao Ministério do Trabalho criado com o objetivo de intermediação de mão-de-obra (Fonte: Ministério do Trabalho. Disponível em: <http://www3.mte.gov.br/sine/oquee.asp>).

Cada período do capital gera novas expressões da questão social, e no momento atual, além de todas as mudanças no mundo do trabalho que já apontamos, ainda vivenciamos o neoliberalismo que redireciona o modelo de intervenção do Estado no social. Assim, o trabalhador é vitimizado duplamente: pelo trabalho ou ausência deste e pelo desmonte de direitos.

Todos esses fatores vêm agravando a questão social que passa a aparecer com nova roupagem, mas ainda como desdobramento da velha e sempre nova lei geral da acumulação capitalista. Dentre essas novas expressões, identificamos o alto índice de adoecimento mental da classe trabalhadora. E nas palavras de Ribeiro, “a exteriorização da doença é uma pálida amostra do que se passa e do que o indivíduo racionalmente consegue dizer e mostrar” (RIBEIRO, 2010, p.308).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES G. Trabalho, capitalismo global e “captura” da subjetividade: uma perspectiva crítica. In: SANT’ NA, Raquel [et al] (Org.). **O avesso do trabalho II**: Trabalho e precarização e saúde do trabalhador. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 41-59.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho, 15 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Produção Liofilizada e a Precarização estrutural do trabalho. In: SANT’ NA, Raquel (org.) et al. **O avesso do trabalho II** : Trabalho e precarização e saúde do trabalhador. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular. 2010.p 22a 40.

CARLOTO, C.M. **Adoecimento no trabalho, as mulheres na categoria de asseio e limpeza**. Disponível em: <:http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\_v6n1\_cassia.htm>. Acesso em: 13 de dez de 2014.

IAMAMOTO, M. V. O Serviço Social na cena contemporânea. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. **Serviço Social**: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Divulga dados oficiais do censo 2010 em Iguatu**. Disponível em:<http://www.bing.com/search?q=DADOS+DO+IGUATU+IBGE&qs=n&form=QBLH&p

c=MANM&pq=dados+do+iguatu+ibge&sc=0-11&sp=1&sk=&cvid=0aad022d73e046c980ae335a0fc3cfe1>. Acesso em: 18 de ago de 2014.

IASI, M. Trabalho: Emancipação e Estranhamento. In: SANT' NA, Raquel [et al] (Org.). **O avesso do trabalho II: trabalho e precarização e saúde do trabalhador**. São Paulo: Expressão Popular. 2010.p 61-83.

LESSA, S. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política - Tomo I**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_fontes/acer\\_marx/ocapital-1.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf)>. Acesso em: jun de 2015.

MONTAÑO, C; DURIGUETO, M.L. **Estado, Classe e Movimento Social**. 3 ed. São Paulo: Cortez. 2011.

MUSTAFA, P; BENATTI, I. Trabalho e Necessidades Humanas na Era do Capital. In: SANT' NA, Raquel [et al] (Org.). **O avesso do trabalho II: trabalho e precarização e saúde do trabalhador**. São Paulo: Expressão Popular. 2010. P. 398-417.

NAVARO, V; PRAZERES, T. Reestruturação produtiva, precarização e saúde do trabalhador na indústria de calçados de Franca (SP). SANT' NA, Raquel [et al] (Org.). **O avesso do trabalho II: trabalho e precarização e saúde do trabalhador**. São Paulo: Expressão Popular. 2010. P. 179-196.

NETTO, J. P. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

\_\_\_\_\_. Transformações Societárias e Serviço Social - notas para uma análise prospectivo da profissão no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 50, Abr, 1996. p. 87-132.

\_\_\_\_\_. Cinco notas a propósito da “questão social”. **Revista Temporalis**. Brasília, n. 03, 2004.

NOGEIRA, C.M. **O trabalho Duplicado: a divisão sexual do trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing**. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

\_\_\_\_\_. **A feminização no mundo do trabalho:** entre a emancipação e a precarização. Campinas: Autores Associados, 2004.

RIBEIRO, H.P. O público e o privado das políticas contemporâneas do estado moderno.: ascensão e queda dos direitos de cidadania e a emergência do individualismo e neocorporativismo em saúde. ANT' NA, Raquel [et al] (Org.). **O avesso do trabalho II:** trabalho e precarização e saúde do trabalhador. São Paulo: Expressão Popular. 2010. p. 307-316.

SANTOS, J.S. “**Questão Social**”: particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção biblioteca básica de serviço social; v.6)

TAVARES, M.A. **Acumulação, trabalho e desigualdades sociais.** In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. **Serviço Social:** direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

TEXEIRA, S. A depressão no meio ambiente do trabalho e sua caracterização como doença do trabalho. **Revista Tribunal Regional.** Belo Horizonte, n.76. v. 46, p. 27-44, jul-dez, 2007.